FEITO PIPA, *VICENTINA PEDE DESCULPAS* E *ASSALTO À BRASILEIRA* CHEGAM ÀS TELAS NO DIA DO CINEMA BRASILEIRO

UM BOOM NACIONAL

Divulgação



Teca Pereira e Yuri Gomews protagonizam o longa *Feito pipa*

» MARIANA REGINATO

Em 5 de novembro de 1896, ocorreu a primeira exibição cinematográfica pública no país, no Rio de Janeiro. O dia marca a celebração do cinema nacional e, mais de um século depois, a produção brasileira tem se destacado pelo mundo. Hoje, três longas nacionais chegam aos cinemas: *Feito pipa*, *Assalto à brasileira* e *Vicentina pede desculpas*.

Feito pipa, dirigido por Allan Deberton e escrito por André Araújo, é o representante da Academia Brasileira de Cinema para concorrer ao Oscar no ano que vem. Na trama, o pequeno Gugu precisa lidar com o avanço do Alzheimer em sua avó Dilma. A conexão dos dois é ponto central na trama e guia as escolhas do pequeno protagonista, interpretado por Yuri Gomes. Chegando às salas brasileiras, o filme participou de mais de 50 festivais e conquistou dois importantes prêmios no 76º Festival de Cinema de Berlim, na mostra oficial Generation Kplus: Melhor Filme, concedido pelo Júri Jovem e Grande Prêmio do Júri Internacional.

O longa é o primeiro filme cearense a representar o Brasil no maior prêmio do cinema mundial. "Vejo a escolha do filme como representante do Brasil como um reconhecimento da força e da diversidade do cinema brasileiro e, também, do potencial do nosso estado em promover, criar e sustentar políticas públicas de valorização da cultura local. É muito significativo ver uma produção nascida no Ceará ocupando esse espaço e levando consigo não apenas um filme, mas toda uma cadeia de pessoas que inspira a forma de pensar e fazer o cinema nordestino", afirma o diretor.

DUAS PERGUNTAS // ANDRÉ ARAÚJO, ROTEIRISTA DO FILME *FEITO PIPA*

O filme aborda temas delicados, como a perda de memória, o preconceito e o medo da separação. Como encontrar o equilíbrio entre a dureza dessas questões e a delicadeza com que elas são apresentadas?

Eu acredito que esse equilíbrio entre a dureza das questões que o filme trata e a delicadeza com que ele aborda esses temas se dá pela decisão de contar a história pelo olhar do Gugu. Porque, para uma criança, mesmo as situações mais difíceis e complexas podem ser vistas atravessadas pela imaginação, pela brincadeira, pela fantasia e pelo lúdico. Eu não queria negar a dureza dessas questões, mas também não queria que elas sequestrassem o filme ou que definissem completamente quem são aqueles personagens. A Dilma, por exemplo, não é apenas uma mulher que está perdendo a memória: ela é cheia de desejos, de vaidade, de alegria, gosta de dançar, namorar e tem uma pulsão pela vida, assim como o próprio Gugu. O gênero e a sexualidade não são tratados como problemas que precisam ser resolvidos; o Gugu é apenas uma criança que quer existir com liberdade e está experimentando o mundo da sua maneira. Então, a delicadeza vem desse olhar de entender que, mesmo diante da perda, do medo ou das dificuldades, a vida continua acontecendo com humor, afeto e beleza, e para a gente é isso que importa.

Qual a sensação de ser o escolhido para representar o Brasil na corrida pelo Oscar?

Quando comecei a escrever o *Feito Pipa*, estava contando uma história muito particular que nasce das minhas experiências e memórias do meu território, e não imaginava que ela pudesse chegar tão longe. Para mim, é uma mistura de alegria, surpresa e um sentimento muito grande de realização. Acho que tem algo muito emocionante nisso: perceber que uma história sobre um menino e sua avó no interior do Ceará pode atravessar tantas fronteiras e encontrar identificação em pessoas de culturas tão diversas. É muito simbólico ver o cinema brasileiro sendo representado por um filme que vem do Nordeste e apresenta um sertão cheio de cores, afetos e possibilidades. Mais do que a corrida pelo Oscar, o que me emociona é pensar que essa escolha permite que o filme chegue a mais pessoas, porque, no fim das contas, é para isso que vamos ao cinema: para contar histórias e para que essas histórias encontrem o seu público.

RETRATO DE UM ASSALTO

Com elenco de grandes nomes como Murilo Benício, Paulo Miklos e Christian Malheiros, Assalto à brasileira, dirigido por José Eduardo Belmonte, chega aos cinemas nacionais. Com narrativa baseada em uma história real, um jornalista se vê no meio de um assalto a mão armada na maior agência bancária de Londrina. Durante o contexto de grave crise econômica, grande parte da população simpatiza com os criminosos e torce pelo sucesso do roubo.

O longa, que venceu três prêmios no Festival de Brasília, incluindo Melhor filme pelo júri popular, surgiu pelo interesse de Belmonte com o roubo em Londrina em 1987. "O que me interessou foi perceber que, por trás de um assalto, havia uma história de pessoas, desejos, contradições e circunstâncias que dizia muito sobre o Brasil atual. O assalto é, naturalmente, o motor da narrativa, mas não é o todo. Gosto de histórias em que um acontecimento extraordinário acaba revelando algo bastante ordinário, e, às vezes, doloroso, às vezes engraçado, tenso, sobre a condição humana", explica.

Galeria Films



Assalto à Brasileira: história de pessoas e de contradições detrás do roubo

A relação do diretor com Brasília vem antes mesmo de estrear qualquer filme, já que foi aluno de Audiovisual na Universidade de Brasília. "Voltar ao Festival de Brasília com um filme é reencontrar uma parte importante da minha história. Existe algo de afetivo nesse retorno, mas também de muito concreto: é um festival que tem memória, que conhece o cinema brasileiro e que não se furta a discutir seus filmes. A recepção de Assalto à Brasileira, o prêmio e as conversas que surgiram em torno dele foram uma alegria enorme. É muito especial quando um filme encontra uma plateia que se dispõe a olhar para ele, discutir", ressalta.

Com a chegada do longa nas telonas, Belmonte acredita que o filme tem uma vocação popular pela trajetória dele até aqui. "É um filme que pode encontrar o público, que tem humor, tensão, personagens e uma história capaz de despertar curiosidade e de falar muito com o presente. Minha expectativa é que ele consiga chegar às salas e ser visto. Porque fazer um filme é apenas uma parte do trabalho. A outra, que não deveria ser menos importante, é permitir que ele encontre as pessoas", finaliza.

CRÍTICA // *VICENTINA PEDE DESCULPAS* / ★★★★

UM DOCE AMANHÃ?

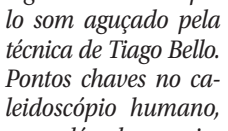
» RICARDO DAEHN

Cordialidade e nobreza de caráter imperam no rude universo e nas duras circunstâncias que cercam a maternal Vicentina (Rejane Faria, em interpretação superlativa), neste filme de Gabriel Martins. Depois de administrar um tratado de sonhos e frustrações, em Marte Um *(selecionado pelo Brasil a concorrer ao Oscar), Gabriel aposta numa trama de responsabilidade e empatia.*

Dúvidas e dívidas se avolumam depois de um evento com mortes coletivas envolvendo um ônibus que transitava no centro de Belo Horizonte. Vicentina (a mãe do motorista do coletivo, Wesley) arca com o sofrimento e com robustas especulações sobre o dúbio comportamento do filho. Sororidade e o peso da solidão na terceira idade revestem o drama que, pouco a pouco, ganha os moldes de uma elaborada e vistosa colcha de retalhos. No cenário, Bruno (Renato Novaes) e Joana (Maíra Azevedo) são os entes mais próximos; ele, filho e ela, melhor amiga. Mas, numa espécie de lei do retorno (posta em prática) a íntegra Vicentina fará uma espécie de recenseamento particular, a fim de reparar estragos do filho. Mas, mais do que isso, repará-los.

O longa, uma coprodução entre a mineira Filmes de Plástico e a Netflix, chega balizado pela excelência na fotografia de Leonardo Feliciano, pela música exemplar de Tiganá Santana e pelo som aguçado pela técnica de Tiago Bello. Pontos chaves no caleidoscópio humano, para além da agraciada presença de Rejane, estarão em Giovanni Venturini (o misterioso roqueiro Fred), Fábio Leal, contido na medida (na pele do calejado Vitor) e na empática Bárbara Colen (a doce Amélia). Perfeita na imperfeição humana, a jornada de Vicentina encerra decência e subtramas formosas coroadas por atores como Flavio Bauraqui, Karine Teles e Carlos Francisco. A poesia de Gilberto Gil entra, soberana, como golpe final.

Netflix



***Vicentina pede desculpas*: suprema em cena, Rejane Faria**